Novembro/Dezembro 2002
Nº 17
ANO III

Linhas

Publicação do Conselho Regional de Psicologia CRP - 07

Fora dos Consultórios

HPS: *a Psicologia na emergência*



A Clínica Ampliada é o tema proposto pelo CRP-07 para debate no III Fórum Social Mundial.

Veja como participar (pág.5).
Conheça os painelistas convidados (pág.central).

A psicologia no



III Forum Social Mundial

editorial

Momento de reflexão

O ano de 2002 deverá entrar para a história devido ao processo eleitoral realizado no Brasil, chamando a atenção do mundo por ser a primeira vez que um operário é eleito presidente. Neste mesmo país, há aproximadamente três anos, constituiu-se o Fórum Social Mundial, que a cada realização anual vem atraindo uma diversidade de olhares e interesses (em sua segunda edição, contou com a participação de 4.909 organizações de 131 países) e que igualmente deverá compor o cenário histórico mundial. Estas duas experiências manifestam uma necessidade e oportunizam o aprimoramento de formas de organização social que constituam novos modos de existir.

Estes movimentos que criamos, incertos, vacilantes em alguns momentos, seguros em outros, vão, na mesma medida, produzindo, reproduzindo e inventando perspectivas de um mundo que não conhecemos mas desejamos. Trata-se de desempenharmos o nosso papel como autores das mudanças que visam a construção de um mundo onde a brutalidade, a violência e a dominação, hoje banalizadas, não façam parte da nossa paisagem cotidiana.

Assim, por entendermos que a Psicologia, enquanto disciplina[1], é também responsável pela produção de subjetividade, entendemos como imprescindível nossa inserção nos debates do III Fórum Social Mundial que, por excelência, caracteriza-se como um cenário privilegiado onde se desenvolve o pensamento crítico acerca dos caminhos que vimos percorrendo.

No III Fórum Social Mundial, o CRP-07 estará promovendo a oficina *Clínica Ampliada: repensando o dentro/fora nas práticas psi*, momento em que se pretende discutir e avaliar de forma crítica e comprometida o nosso exercício profissional e a produção de conhecimento em Psicologia.

Na presente edição do EntreLinhas privilegiamos a discussão sobre o que vem a ser a Clínica Ampliada sob a ótica dos debatedores convidados, com o intuito de fomentarmos a reflexão e a posterior participação dos colegas no evento. Contamos com a sua presença.

Gestão Inserção

[1] No sentido que Foucault dá ao termo disciplina.

Gestão Inserção

- Andréa Giesen Lompa
- Carla Garcia Bottega
- Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Célia Angelina Trevisi do Nascimento
- Cristina Armani Madeira
- Dóris Noronha
- Gisele Silva Sanches
- Janice Castilhos Gomes
- Liliana Santos
- Mara Cristina Kozorosky Almeida
- Maria Anastasie de Castro Cortês
- Maria Cristina Carvalho da Silva
- Maria da Graça Corrêa Jacques
- Mylène Geiger
- Ruy Dias Gigante
- Simone Poester Schmidt
- Tatiana Cardoso Baierle
- Vera Elizabeth Verissimo

Diretoria

- Presidente: Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Vice-presidente: Carla Garcia Bottega
- Secretária: Mylène Geiger
- Tesoureira: Tatiana Cardoso Baierle

Comissão de Comunicação

- Mylène Geiger
- Vera Elizabeth Verissimo
- Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Conselho de Psicologia do Rio Grande do Sul / CRP-07

Sede
Av. Osvaldo Aranha, 1423 – sala 102
90035.191 – Porto Alegre/RS
Telefone/Fax: (51) 3335.1838 3330.3458
E-mail:
contatos através do site
www.crp07.org.br

Seção Serra
Avenida Itália, 325/705
95.010-260 – Caxias do Sul/RS
Telefone (54) 223.7848
Representante: Viviane Marcon Duarte

Seção Sul
Rua Félix da Cunha, 772/304
96.010-000 – Pelotas/RS –
Telefone (53) 227.4197
Representante: Giovani Cantarelli

- Os artigos publicados com assinatura são de inteira responsabilidade do autor e não traduzem, necessariamente, a opinião do Conselho Regional de Psicologia.

- Cartas, artigos e outras manifestações devem ser encaminhadas à Comissão de Comunicação. Os artigos devem ter, no máximo, 35 linhas. Por questão de espaço, as cartas podem ser resumidas.

Edição e textos: Monica Kanitz (MTb 8103)
Design gráfico: Clô Barcellos/Libretos
Impressão: Dolika
Tiragem: 7 mil exemplares
Peridiocidade: bimestral
Distribuição gratuita

Fora dos Consultórios

Sem tempo para o tradicional



O Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre foi inaugurado em 1961, pelo então governador Leonel de Moura Brizola, para atendimento de trauma. O HPS tem ambulatórios de traumatologia, cirurgia geral, neurologia e cardiologia, além do atendimento de emergência. Também abriga quatro UTIs: geral, pediátrica, de cardiologia e queimados.

O ano de 2002 já é considerado um divisor de águas pela equipe de psicólogos do Hospital de Pronto-Socorro (HPS) de Porto Alegre. Uma das conquistas foi a implantação do curso de Residência em Psicologia Hospitalar, que começou no início de março. Outra novidade é o desenvolvimento do novo PPC, que conta também com psicólogos e pequenos e aguardados espaços específicos para o trabalho. Apesar destas novidades, que virão diretamente com mudanças estruturais e conceituais, "Ainda predomina a realidade de uma demanda espontânea que chega ao hospital sem encaminhamento e que pega a todos de surpresa", avalia Edson Hajnal, psicólogo do HPS há 13 anos.

Edson Hajnal e a psicóloga Sônia Beatriz Soares dos Santos trabalham no HPS há dez anos. Ambos são testemunhas de um setor que vem sofrendo constantes mudanças e onde a palavra rotina praticamente não existe. Apesar de serem psicólogos clínicos, Edson e Sônia não têm, no HPS, pacientes com horários marcados e nem podem atendê-los como nos consultórios, com a devida privacidade. "Estes são aspectos que nos diferenciam dos psicólogos clínicos tradicionais. Nossa realidade também exige um atendimento rápido e dinâmico, muitas vezes numa sala de emergência onde a pessoa ao lado está sob os cuidados de um enfermeiro ou há policiais armados aguardando no entorno", acrescenta Edson. Segundo o psicólogo, o trabalho teórico usado no dia-a-dia do HPS é o mesmo da clínica tradicional, mas com uma postura profissional diferenciada. "Usamos as teorias da Psicanálise (Freud, Melanie Klein, Winnicott, Mahler, Garma) mas não podemos atender da mesma forma que no espaço do consultório pela alteração do enquadre. Gostamos aqui uma Psicoterapia do Trauma, usando métodos e teorias tradicionais num outro contexto", explica.

O trabalho diário também obedece certas normas, organizadas pela própria equipe e que contrariam uma tendência de consultoria existente em outros hospitais. Enquanto o atendimento no setor de emergência é feito a pedido de um médico ou enfermeiro por causa de um situação repentina – um exemplo seria o choque emocional que uma pessoa enfrenta ao saber que é portadora do vírus HIV -, na maioria das enfermarias e UTIs a atuação dos psicólogos é tão freqüente quanto a dos profissionais da área médica. "Estamos inseridos nas equipes, nenhum médico precisa nos solicitar um atendimento porque sabe que vamos ver a maioria dos pacientes todos os dias. Trabalhamos assim já há alguns anos, a realidade nos chamou para isso", conta Edson. "Na UTI de queimados todos os pacientes são atendidos diariamente, assim como os amputados. E todas as crianças e mulheres que estão no hospital, independente das enfermarias, recebem nossa visita. Além disso, conversamos com os familiares sempre que é necessário ou sempre que nos solicitam, e o mesmo acontece com os demais pacientes hospitalizados", relata Sônia. Nestes casos, os atendimentos não têm um tempo nem freqüência determinada. "É uma lógica diferente da clínica tradicional porque na maioria dos casos temos pouco tempo para traçar um diagnóstico. O período médio de permanência de um paciente aqui no HPS é de 4, 5 dias, quando precisamos tomar algumas decisões importantes", explica o psicólogo.

Outro aspecto que diferencia o trabalho desenvolvido pelos psicólogos do HPS é a ausência de um setor de psicologia ambulatorial para onde os pacientes possam ser encaminhados após a alta hospitalar. Aqui, um aspecto a ser destacado é a falta de uma rede que integre diferentes serviços de Saúde Mental. "Este é um problema sério que enfrentamos porque a maioria dos nossos pacientes são do SUS, ou seja, são pessoas que não têm condições de pagar um tratamento. Apesar do nosso encaminhamento, com recomendações, é difícil saber se o paciente conseguiu ser atendido porque o hospital normalmente não tem vaga e a rede pública de saúde não consegue atender todas as solicitações", explica Edson. O mesmo acontece com aqueles que chegam ao HPS em situação de risco. "Depois de muitos dias são encaminhados para o Conselho Tutelar ou até mesmo a Promotoria, mas ninguém sabemos o fim do caso. Atendemos um grande número de pessoas todos os anos, com uma média de 40, 50 atendimentos por dia", esclarece Sônia, mostrando os números do ano de 2000: 2407 pacientes atendidos em 5516 sessões. Diante deste quadro, percebe-se a urgência em se criar mecanismos que possibilitem o estabelecimento de parcerias entre diferentes instituições.

Os casos mais freqüentes de internação no HPS são os de vítimas de acidentes de trânsito, principalmente crianças atropeladas e adultos embriagados. Ultimamente, vêm aumentando os casos de agressão, motivadas pelo uso de drogas ou brigas entre cônjuges. "Nestas circunstâncias, procuramos saber qual era o estado emocional da pessoa antes do acidente ou da briga. Em muitos casos, o paciente se coloca em situação de risco porque não está bem e acaba provocando a tragédia", salienta Edson.

Em uma área cada vez mais importante para a Psicologia, é fundamental a disponibilidade de tempo e emocional dos profissionais. "Não trabalhamos com beleza nem com riqueza. As pessoas que chegam aqui estão passando por uma situação de trauma e normalmente são carentes de tudo: de recursos, de afeto, de auto-estima", avalia Sônia. Para Edson, este tipo de formação deveria ser mais valorizada, já que os psicólogos não têm este tipo de preparo durante o curso e não existem mestrados na área. Por enquanto, a Residência aberta no início do ano ainda tem caráter de especialização. "Aqui se lida com a dor emocional e também com a dor física. A postura diante de um paciente que grita de dor porque está com o corpo queimado tem que ser outra e isso, por enquanto, só se aprende no dia-a-dia", acrescenta.

PSICOLOGIA no

Agende-se para participar!

Em janeiro próximo estará ocorrendo o III Fórum Social Mundial. Mais uma vez teremos em Porto Alegre representações oriundas de diversos países, preocupadas com as causas sociais e engajadas na construção de alternativas às atuais políticas globalizantes.

Enquanto psicólogos sabemos das implicações que os modos contemporâneos de subjetividade e [illegible] Sabemos, por exemplo, que a [illegible] Se o Estado do bem-estar social começa gradativamente a sair de cena após a Segunda Guerra, o *Estado neoliberal* trata rapidamente de transferir ao indivíduo a sua sorte: *cuide da sua saúde, da sua segurança e da sua educação. Temos que nos ocupar com coisas mais importantes, como as taxas do dólar e a balança comercial, dentre outras.* O discurso hipócrita prega um mundo de oportunidades. No neoliberalismo cabe ao sujeito, iludido a partir de um horizonte de liberdade e autonomia, se virar como pode. "**Infelizmente**", aqueles que não conseguirem provar que podem dar conta de sua existência, terão que se conformar com a exclusão.

Sabemos que é na modernidade que surge a noção de indivíduo, na qual se fundamenta a psicologia. Por muito tempo temos nos debruçado sobre um fazer que pouco tem questionado o lugar que ocupamos enquanto **produtores** de subjetividade. A psicologia, em sua pretensa neutralidade, pouco se percebe como mais um dos dispositivos sociais que corroboram para a produção de certos modos de existir. Assim, rascunhando desvios, patologias e doenças, desenhamos também a norma e a disciplina.

Por acreditarmos que a Psicologia é tanto produto como produtora de subjetividade, entendemos que há uma grande importância em ocuparmos os espaços de discussão em busca da compreensão e do estabelecimento de novas possibilidades de modos de existir. Nesta perspectiva, o Sistema Conselhos de Psicologia tem se feito presente em todas edições do Fórum e, também em 2003, estará fazendo parte da programação oficial

A partir das diversas reflexões que vimos fazendo, veiculadas especialmente na seção **Fora dos Consultórios** do Jornal **EntreLinhas** do CRP 07, abrimos espaço para recolocarmos a discussão sobre o tema, procurando dar maior visibilidade às formas de fazer psicologia que encontram lugar em ambientes que não seriam considerados classicamente como *settings* psicológicos. Tendo partido da **análise de um *dentro/fora* do espaço físico**, propomos agora um debate que pretende ter um alcance que transcenda o *onde fazemos* e discuta o *como fazemos*. O **Fora dos Consultórios** refere-se apenas à estrutura física de nossos ambientes de trabalho? Ou antes, serão as próprias possibilidades do fazer *psi* que estão postas em questionamento bem como as concepções de sujeito que desenvolvemos ao longo dos anos e que têm norteado muitas de nossas práticas.

Assim, no III Fórum Social Mundial, o Conselho Regional de Psicologia 7ª Região (RS) estará propondo a Oficina **Clínica Ampliada: Repensando o Dentro/Fora nas Práticas Psi**. A exemplo do que realizamos em janeiro de 2002, estamos abrindo a inscrição para psicólogos e estudantes interessados em desenvolver oficinas sobre **práticas** profissionais articuladas com o tema. Serão selecionados nove trabalhos, divididos em três grupos de três. Cada grupo será acompanhado por um palestrante que, após desenvolvidas as oficinas, fará suas considerações sobre as apresentações e o tema abordado. O segundo momento se dará em grande grupo, com todos participantes reunidos.

Confira na página 10

Outras atividades da Psicologia no FSM

III FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

CRP-07 no III Fórum Social Mundial

Oficina: Clínica Ampliada: Repensando o dentro/fora nas práticas psi

Debatedores: Heliana Conde (psicóloga – UERJ)
Luis Antonio Baptista (psicólogo – UFF/RJ)
Luis Cláudio Figueiredo (psicólogo – PUC/SP e USP)

Data: 26 de janeiro de 2003

Local: Teatro da AMRIGS (Av. Ipiranga, 5311)

Horário: das 14h às 18h

Prazo para inscrição de trabalhos: 23 de dezembro de 2002

Inscrição de trabalhos

- O resumo deve ter entre 30 e 45 linhas, fonte Arial, corpo 12.
- O texto deve trazer uma reflexão sobre uma prática realizada, ligada ao tema proposto (ver página anterior)
- É importante que haja uma fundamentação teórica articulada à prática apresentada.
- A inscrição pela Internet deve ser encaminhada através do site www.crp07.org.br.
- A inscrição por correio ou com entrega no CRP-07 deve incluir, além das informações solicitadas, o texto impresso e uma cópia em disquete (CRP-07: Osvaldo Aranha, 1423/sala 102 – Porto Alegre – Cep. 90035.191).
- Os psicólogos interessados em apresentar trabalhos devem estar regularmente inscritos no CRP-07.

Os trabalhos devem conter as informações solicitadas abaixo:

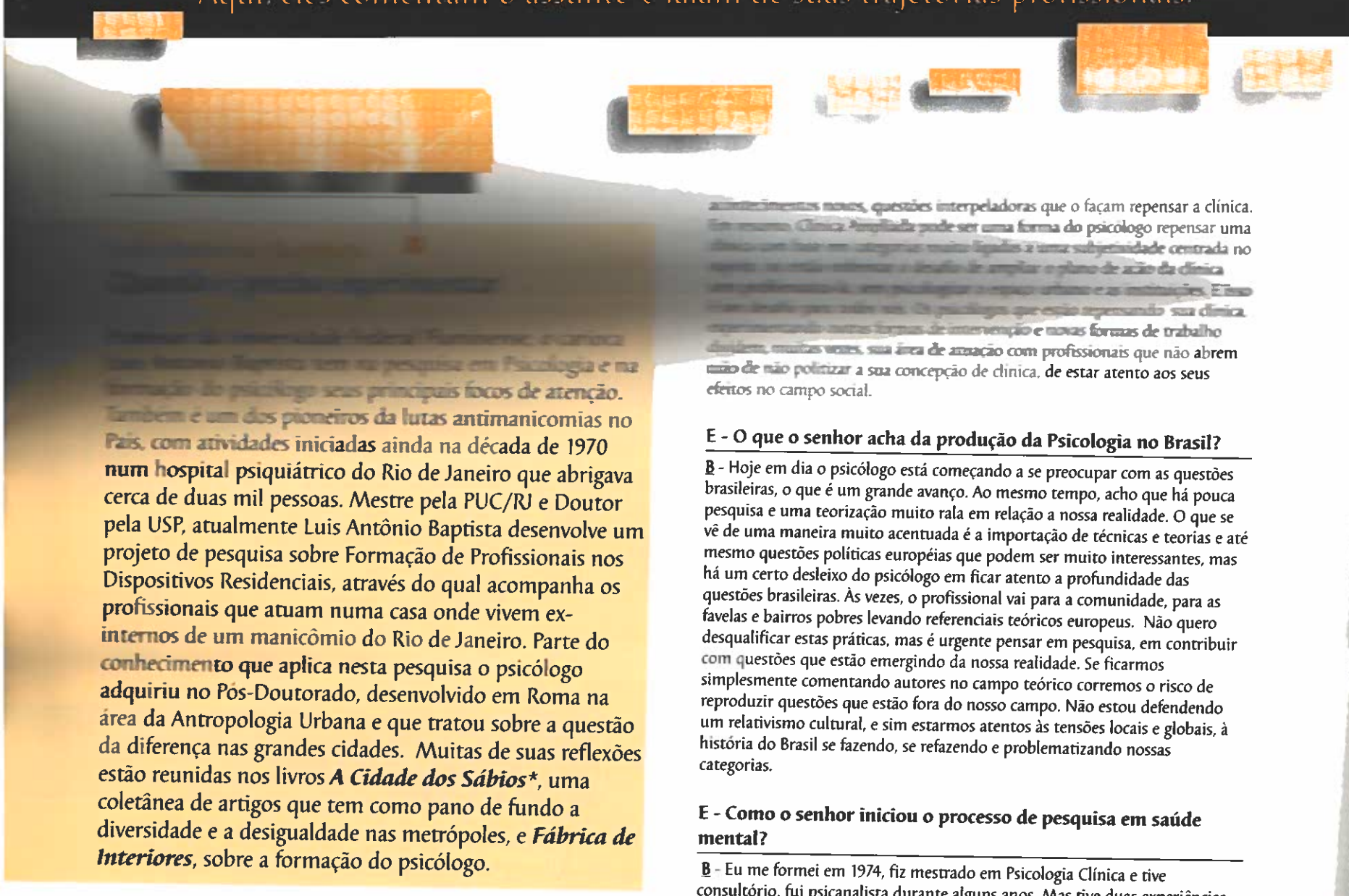
- Título do trabalho
- Autores (estudantes devem apresentar o número da matrícula na Universidade e psicólogos, o número de inscrição no CRP-07)
- Grupo, instituição ou entidades envolvidas
- Recursos para a apresentação
- E-mail
- Telefone residencial
- Telefone comercial e celular

entre vistas

A psicologia no III Fórum Social Mundial

Os psicólogos Heliana Conde, Luis Antonio Baptista e Luis Cláudio Figueiredo são professores/pesquisadores que têm reflexões acerca da Clínica Ampliada bem presentes no seu cotidiano. Também são profissionais reconhecidos por seu trabalho e com *savoir-faire* para conduzir o debate proposto pelo CRP-07 para o III Fórum Social Mundial, que tem como tema a ***Clínica Ampliada: Repensando o Dentro/Fora das Práticas Psi.***

Aqui, eles comentam o assunto e falam de suas trajetórias profissionais.



Professor da Universidade Federal Fluminense, a clínica com ênfase Sujeito tem na pesquisa em Psicologia e na formação do psicólogo seus principais focos de atenção. Também é um dos pioneiros da lutas antimanicomias no País, com atividades iniciadas ainda na década de 1970 num hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro que abrigava cerca de duas mil pessoas. Mestre pela PUC/RJ e Doutor pela USP, atualmente Luis Antônio Baptista desenvolve um projeto de pesquisa sobre Formação de Profissionais nos Dispositivos Residenciais, através do qual acompanha os profissionais que atuam numa casa onde vivem ex-internos de um manicômio do Rio de Janeiro. Parte do conhecimento que aplica nesta pesquisa o psicólogo adquiriu no Pós-Doutorado, desenvolvido em Roma na área da Antropologia Urbana e que tratou sobre a questão da diferença nas grandes cidades. Muitas de suas reflexões estão reunidas nos livros ***A Cidade dos Sábios****, uma coletânea de artigos que tem como pano de fundo a diversidade e a desigualdade nas metrópoles, e ***Fábrica de Interiores***, sobre a formação do psicólogo.

EntreLinhas - Qual é a sua opinião a respeito do tema Clínica Ampliada, que será discutido no Fórum Social Mundial?

Baptista - A noção de Clínica Ampliada é interessante na medida em que foge da Psicologia tradicional, da preocupação com o sofrimento psíquico centrado no sujeito, e coloca o profissional da saúde frente à frente com os problemas do cotidiano. Sair desta clínica da privatização da subjetividade, do indivíduo isolado, é fundamental, porém é preciso um certo cuidado com a idéia de clínica ampliada. Em alguns casos, ao invés de repensar a clínica, o psicólogo pode ampliar esse individual, ou seja, o profissional preocupado com o social, com o "sair do consultório", pode psicologizar este espaço. A idéia de Clínica Ampliada é importante quando o psicólogo, estando no espaço urbano ou num território fora do consultório, experimenta e encara de frente acontecimentos novos, questões interpeladoras que o façam repensar a clínica. Ou seja, Clínica Ampliada pode ser uma forma do psicólogo repensar uma clínica que tem se mostrado muito ligada a uma subjetividade centrada no sujeito, no seu sofrimento e ampliar o plano de ação da clínica em sua totalidade, em psicologia e saúde coletiva e as instituições. Ele vai ter de lidar com isso. O psicólogo que estiver repensando sua clínica, experimentando outras formas de intervenção e novas formas de trabalho [illegible], muitas vezes, sua área de atuação com profissionais que não abrem mão de não politizar a sua concepção de clínica, de estar atento aos seus efeitos no campo social.

E - O que o senhor acha da produção da Psicologia no Brasil?

B - Hoje em dia o psicólogo está começando a se preocupar com as questões brasileiras, o que é um grande avanço. Ao mesmo tempo, acho que há pouca pesquisa e uma teorização muito rala em relação a nossa realidade. O que se vê de uma maneira muito acentuada é a importação de técnicas e teorias e até mesmo questões políticas européias que podem ser muito interessantes, mas há um certo desleixo do psicólogo em ficar atento a profundidade das questões brasileiras. Às vezes, o profissional vai para a comunidade, para as favelas e bairros pobres levando referenciais teóricos europeus. Não quero desqualificar estas práticas, mas é urgente pensar em pesquisa, em contribuir com questões que estão emergindo da nossa realidade. Se ficarmos simplesmente comentando autores no campo teórico corremos o risco de reproduzir questões que estão fora do nosso campo. Não estou defendendo um relativismo cultural, e sim estarmos atentos às tensões locais e globais, à história do Brasil se fazendo, se refazendo e problematizando nossas categorias.

E - Como o senhor iniciou o processo de pesquisa em saúde mental?

B - Eu me formei em 1974, fiz mestrado em Psicologia Clínica e tive consultório, fui psicanalista durante alguns anos. Mas tive duas experiências que me colocaram em contato com crises institucionais... Uma foi em hospital psiquiátrico e a outra na universidade, onde tinha a função de supervisor de clínica, trabalhando com a formação de terapeutas. No hospital psiquiátrico, que chegou a ter dois mil pacientes no final dos anos 1970, percebi que os referenciais teóricos que eu tinha da Psicanálise não davam conta do trabalho... Depois disso fui fazer meu Doutorado na Universidade de São Paulo e tive a oportunidade de conhecer duas grandes professoras, a Ecléia Bosi e a Sílvia Leser de Mello. Foram elas que me apresentaram autores como Walter Benjamin, os Manuscritos de Marx, a literatura brasileira para se pensar a Psicologia, que não conheci no meu curso.

*Ver resenha na contracapa

Luis Cláudio Figueiredo
Os efeitos do psicológico

Autor de livros que estudam o indivíduo e a construção da subjetividade em diferentes épocas, Luis Cláudio Figueiredo se divide, profissionalmente, entre sua clínica de psicanálise e as aulas nas faculdades de Psicologia da PUC/SP e USP. Aluno de uma das primeiras turmas de Psicologia da PUC/RJ, Figueiredo foi obrigado a interromper o curso e exilar-se no Chile devido às perseguições sofridas durante o governo militar brasileiro. Quando retornou ao Brasil, concluiu a faculdade na PUC/SP, um lugar "privilegiado em termos de liberdades políticas". Depois disso, fez os cursos de Mestrado e Doutorado em Psicologia Experimental, ambos na USP, porque era a única possibilidade de manter-se afastado de qualquer suspeita em relação a atividades políticas. Entre os livros que publicou estão ***A Invenção do Psicológico – Quatro Séculos de Subjetivação, Modos de Subjetivação no Brasil*** e ***Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos***, além da participação em obras como ***A Função Fraterna*** e ***Psicanálise e Colonização***.

EntreLinhas - O que o senhor pesquisa atualmente?

Figueiredo - Como psicanalista e professor universitario trabalho ha muitos anos, com a constituição das subjetividades no plano social. Tenho um interesse especifico na clinica psicanalitica, partindo do meu consultório, e um mais amplo nas condições socio-culturais através das quais se criam os sujeitos que procuram atendimento psicologico nos consultorios e em outros lugares. Ou seja, como se constituem as subjetividades no mundo e no Brasil, quais as condições econômicas, sociais e culturais vigentes. Quando estou atendendo meus pacientes tenho, de uma certa maneira, uma escuta não só para os sofrimentos deles, mas de como isso se reflete em alguma coisa que é mais ampla, social e culturalmente falando.

E - Como esta preocupação aparece na sua produção?

F - Venho desenvolvendo vários trabalhos sobre a subjetividade contemporânea no mundo e no Brasil. Tenho um livro que trata especificamente sobre a produção do sujeito moderno, que mostra como foi se criando uma subjetividade desde o Renascimento até o final do século XIX, propondo uma compreensão histórica e cultural do indivíduo que viríamos a ser no século XX. Em outro, analiso as condições para sermos os brasileiros que somos hoje, com os dramas, problemas e sofrimentos específicos da nossa constituição subjetiva. Também trato de questões como as dificuldades de se criar uma verdadeira democracia no Brasil e de uma certa idéia problemática que se tem do Brasil a partir de um imaginário que reúne a natureza, a cultura e a sociedade, criando situações às vezes extremadas e em outras caricatas.

E - O que o senhor pensa a respeito da Clínica Ampliada?

F - A minha pesquisa tem uma ligação muito estreita com esta idéia da clínica ampliada, uma clínica do social. Não levando em conta só o atendimento, mas intervindo no plano da cultura e interpretando fenômenos culturais, acontecimentos sociais e políticos por uma vertente psicológica e psicanalítica. Ou seja, levando em conta todos os dados da nossa vida contemporânea, onde a Psicologia se tornou um dos ângulos possíveis para entender os fenômenos em que nós vivemos. Minha ênfase, mesmo quando eu falo do Brasil, é tentar identificar quais são os sofrimentos, quais são os impactos subjetivos vividos ao longo da História. Porque estes precisam ser levados em conta por quem trabalha no consultório ou nas comunidades ou instituições, ou seja, numa clínica ampliada.

E - Qual seria, então, o papel do psicólogo?

F - Sempre insisto numa visão culturalista. Há coisas que são universais na condição humana, somos biológica e psiquicamentes dotados de algumas estruturas universais. Mas elas se manifestam ou se desenvolvem em função de variáveis que são históricas e culturais, e o psicólogo deveria estar sempre atento a estas questões. O que nós fazemos enquanto psicólogos têm dimensão social e política, nós nunca vamos ser meros técnicos ou mecânicos da mente. Um psicólogo tem que saber que aquilo que ele faz produz efeitos, extrapola uma dimensão estritamente técnica, até porque os critérios para dizer o que é normal, ou não, tem influência no nosso trabalho...

Heliana Conde
Desnaturalizando o presente

Heliana Conde se formou em Psicologia na UERJ, mesma universidade onde atualmente é professora e onde também fez o Mestrado em Medicina Social. O curso de Doutorado foi na área de Psicologia Escolar, na USP. Em ambos, o enfoque não foi exatamente psicológico, mas transdisciplinar, propondo uma história da análise institucional primeiro na França, depois no Brasil, quando a oralidade ganhou um papel fundamental para a concepção da realidade. Estes estudos sobre a relação da História com as práticas psicológicas continuam sendo desenvolvidos no grupo Clio & Psyque, que Heliana mantém na UERJ junto com alguns colegas. Além disso, a psicóloga integra a comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia, que tem uma proposta de discutir as práticas sociais a partir da atuação do psicólogo. Suas conclusões de mestrado e doutorado estão publicadas nos livros ***As subjetividades em revista - Institucionalismo francês e novas análises*** e ***No rastro dos "cavalos do diabo" - Memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil***.

EntreLinhas - Como a Psicologia se relaciona com a História em seu percurso acadêmico?

Heliana - A área em que tenho trabalhado, que é a análise institucional, não é especificamente psicológica... É mais transdisciplinar. No meu mestrado, que foi sobre uma história da análise institucional na França, tentei mostrar os seus nexos com os movimentos sociais. No Doutorado, a idéia era fazer uma história sobre a análise institucional no Brasil, mas acabou transformando-se em uma discussão sobre o quanto a questão da história oral, dos depoimentos pessoais, pode contribuir para uma nova concepção em relação à história. Tenho uma preocupação com este movimento no Brasil porque tenta possibilitar uma visão crítica por parte do intelectual a respeito das suas próprias práticas e do seu pensamento. A proposta é pensar quais são os limites que a história nos impõe e, a partir disso, em forma de ruptura, como trabalhos renovadores na área de saúde mental, da educação e da clínica. Um dos recursos que tenho usado é trabalhar a questão histórica nas práticas psi através do núcleo Clio & Psyquê, um nome que justamente une a musa da história com a personificação do psíquico. Buscamos fazer um certo tipo de história que é muito influenciado pelas perspectivas de Foucault, uma tentativa de desnaturalizar o presente, mostrar como o mesmo foi sendo construído em geral por uma confluência de acasos, e fazendo esta análise se teria uma certa possibilidade de transgredir aquilo que é presente e voltar-se para concepções etico-politicamente mais defensáveis.

E - E como esta proposta se aplica à idéia da Clínica Ampliada?

H - Levando em conta esta perspectiva da Clínica Ampliada, meu trabalho se insere exatamente nesta linha. Isto é, desde que a clínica ampliada não seja vista como uma ampliação da clínica, mas sim repensar esta clínica a partir de uma série de variáveis, do ponto de vista histórico, sociológico, antropológico.

E - Como a senhora chega nesta perspectiva?

H - Tem a ver com o tempo em que nasci... Entrei na universidade em 1968 e o fortalecimento da minha prática veio no final dos anos 1970, que coincide com uma série de novos movimentos sociais brasileiros. Sempre quis fazer uma Psicologia bem clássica, mas este percurso foi mudando a partir destes movimentos renovadores, acho que é um efeito grupal-institucional. Fui tentando pensar a questão do subjetivo a partir das experiências que vinha vivendo e do que me chegava de autores críticos, tanto europeus quanto latino-americanos. Sou psicóloga e não vejo problema algum em ser psicóloga deste jeito, com esta visão sócio-histórica.

Bioética: pesquisa sem limites?

Célia A. T. do Nascimento
Psicóloga, Presidente da Comissão de Ética do CRP-07

Lucio Fernando Garcia
Psicólogo, integrante da Comissão de Orientação e Fiscalização do CRP-07 e da Sociedade Brasileira de Bioética

Professores, profissionais e pesquisadores de 62 paises - num total de 1.320 pessoas -, participaram do VI Congresso Mundial de Bioética, realizado em Brasília no final de outubro pela *International Association of Bioethics* e *Sociedade Brasileira de Bioética*. O tema oficial foi **Injustiça e Poder**, sendo que todos os palestrantes, bem como os congressistas, reforçaram quase que uníssonos a preocupação em abordar temas conflitivos (em pesquisa ou tratamentos) sob as mais diferentes óticas, dentro das perspectivas da multidisciplinaridade e do respeito ao pluralismo moral que se verifica atualmente.

O questionamento entre ética e poder emerge (em decorrência) de uma época "sem fronteiras", um mundo globalizado, onde pesquisas e novas técnicas em saúde humana não encontram mais limites em seus territórios nacionais. As pesquisas envolvendo seres humanos e processos biotecnológicos parecem ter saído de livros de ficção cientifica, mas são as realidades de grandes e potentes laboratórios. As conquistas de novas tecnologias em saúde, a manipulação genética, a clonagem humana, e a utilização de células-troncos (embrionárias) em tratamentos de doenças, fazem parte do aparato que começa a integrar as ditas novas terapêuticas.

A Bioética, surge como uma sentinela disposta a discutir e intervir na tremenda vulnerabilidade da natureza e do homem submetidos à intervenção tecnológica do próprio homem. É interdisciplinar, relacionando códigos de ética profissional, com a Moral Filosófica, o Direito, e a Teologia Moral. Podemos dizer que é o estudo sistemático do comportamento humano nas áreas das ciências da vida e dos cuidados da saúde, quando examinado esse comportamento à luz dos valores e dos princípios morais.

O termo "Bioética" foi empregado pela primeira vez em 1971 pelo professor Van Rensselaer Potter da Universidade de Wiscosin, NY. Ao publicar o livro Bioethica: Bridge to the Future, o professor Potter declarou preocupação em relação aos avanços científicos e o desenvolvimento humano autêntico, acabando por introduzir não só um novo termo na literatura cientifica mundial, mas lançando as bases de uma nova disciplina. Sendo científica, imbuída de estudar os aspectos éticos das ciências da saúde e da biologia em geral, assim como as relações do homem com homem e os outros seres vivos.

As principais características da bioética são: ser uma ciência da qual o homem é o sujeito e não somente objeto; e ter como critérios a beneficência, a autonomia e a justiça, cuja articulação assenta-se no tripé: profissional / técnico (pela beneficência), e paciente / pesquisado (pela autonomia) e a sociedade (pela justiça).

Giovani Berlinger propõe uma distinção: bioética de fronteira é aquela que trata das novas tecnologias biomédicas aplicadas sobretudo à fase nascente e à fase terminal da vida. Já a bioética cotidiana é voltada para a exigência de humanizar as técnicas e métodos em saúde, articulando fenômenos complexos, como a evolução científica da medicina; a socialização da assistência sanitária; a crescente medicalização da vida, sendo que ainda grande parte dos problemas éticos estão no Terceiro Mundo.

Assim temos que a distância entre os excluídos e os que têm o poder na sociedade mundial ainda é vergonhosamente desequilibrada, seja pela qualidade dos serviços e produtos ou mesmo pela quantidade. Não se pode pesquisar nos "pobres" (vulneráveis), sendo que vulnerável (para a bioética) são aqueles indivíduos que não podem dirigir seus próprios interesses, incluindo por exemplo os problemas de raça e étnicos, localização geográfica, os apenados (e prisioneiros de guerra), os deficientes mentais ou físicos, idosos, asilados, os sem-teto, os que não conhecem tratamento de saúde adequado, etc.., em favor aos que podem pagar pelas pesquisas e tratamentos. A utilização democrática dos benefícios decorrentes do desenvolvimento cientifico e tecnológico está longe do que se poderia chamar de justa e igualitária.

A Psicologia ainda está tímida neste desafio. Trabalhamos diretamente com diferentes camadas da sociedade, nos nossos diferentes fazeres. Nos deparamos com realidades a serem denunciadas, com técnicas e tratamentos a serem compartilhados e com políticas públicas a serem implementadas e articuladas. O profissional psicólogo não pode ficar indiferente ao clamor ético, bem como nas situações técnicas em que se depara com a ética e a prática. Aí podem ser citadas as situações clinicas, os laudos, os estudos de casos e apresentações clínicas, as terapias de grupo e os trabalhos de avaliações em instituições (tanto hospitalares quanto organizacionais). Lidamos talvez com o material mais "fácil" de ser eticamente atingido e indistintamente o mais "silencioso" de ser identificado. Temos que estar cientes de nossa responsabilidade civil e ética frente à sociedade. Quando utilizamos técnicas não reconhecidas, não comprovadas quanto a sua eficácia e cientificidade, temos que ter em mente que só não fazer o "mal" (maleficência) seria suficiente, e sim ter em mente o principio da beneficência, de fazer sempre o bem e o melhor (eticamente aceitável).

A bioética brasileira surgiu somente nos anos 90, assim como na América Latina e Caribe. Em 18 de fevereiro de 1995 foi fundada a Sociedade Brasileira de Bioética (SBB), entidade que reúne professores e profissionais de diferentes segmentos da sociedade. A SBB já promoveu três congressos nacionais: em 1996, na cidade de São Paulo; no ano de 1998, em Brasília; e em julho de 2000 em Porto Alegre. A entidade conta atualmente com seções regionais em diversos estados. Nos seus primeiros anos de vida, a bioética brasileira tomou como referência conceitual a chamada "corrente principalista" estadunidense, mas na medida em que foram sendo implantados grupos de pesquisa e núcleo de estudos nas universidades e em outras instituições, surgiram novas propostas alternativas às correntes bioéticas tradicionais, sendo que todas elas coincidem com relação ao respeito ao pluralismo moral e a maior defesa dos interesses dos mais frágeis e vulneráveis.

Conselho instala Fórum de Acompanhamento do

Registro de Especialistas

Representantes de entidades da Psicologia, profissionais em geral e muitos estudantes participaram da instalação do **Fórum de Acompanhamento do Registro de Especialistas**, realizada no dia 19 de outubro. A iniciativa do CRP-07 tem como objetivo acompanhar o desenvolvimento deste processo que instituiu o registro de especialistas para os psicólogos, formatando dúvidas, avaliando critérios e colaborando com sugestões que aprimorem a proposta.

O registro de especialidades em Psicologia foi instituído em dezembro de 2000 através resolução nº 14 do CFP, que reconhece as categorias escolar/educação, organização e do trabalho, trânsito, jurídica, esporte, clínica, hospitalar, psicopedagogia e psicomotricidade. A resolução, já de caráter definitivo, atendeu a uma demanda de vários CRPs em todo o país, principalmente de estados nos quais os cursos de especialização não ligados ao meio universitário e as diferentes formações não são reconhecidas pelo mercado de trabalho. Durante o encontro, a presidente da Comissão de Formação do CRP-07, a psicóloga Maria da Graça Jacques, salientou que esta realidade não condiz com o Rio Grande do Sul, mas que o processo já foi regulamentado e, partir de agora, é preciso aprimorá-lo. "Os estatutos da profissão contêm um item que recomenda o reforço das especialidades. E o Conselho Federal de Psicologia quer ter mecanismos para reconhecer oficialmente a prática e a experiência dos psicólogos", salientou Jacques. Até o momento, aproximadamente 900 dos mais de oito mil psicólogos gaúchos entraram com processo de registro de especialista no CRP-07. Destes, a maioria é clínica: 449 encaminhamentos.

A partir de agora, haverá reuniões mensais com um grupo representativo das diversas categorias e instituições da Psicologia no Rio Grande do Sul, reunindo participantes da ABRAPSO, CEAPIA, Centro de Psicologia Analítica, DAIP, Escola de Saúde Pública, Círculo BP/RS, GAEPSI, IDG, ISF, Instituto Gestalt do RS, SBPH/ICFUC, SIPERGS e Sociedade de Psicologia do RS.

Integração de Psicólogos do trânsito

Cerca de 140 profissionais participaram do **III Encontro Estadual de Psicologia do Trânsito**, realizado no final de setembro em Porto Alegre. Além de psicólogos que trabalham com a área do trânsito, o encontro também reuniu pedagogos, assistentes sociais, instrutores de CFC, agentes de trânsito, advogados, monitores e estudantes de psicologia. Através dos debates propostos, foi possível desenvolver uma linha de pensamento mais estruturada da Psicologia em interlocução com o fenômeno trânsito e os inerentes aspectos interdisciplinares. Para isso, foram apresentadas práticas, reflexões, pesquisas, programa de prevenção e novos campos de atuação ainda pouco explorados pelos psicólogos.

Em sua terceira edição, o encontro propiciou, mais uma vez, a troca de experiências e a integração de psicólogos e outros profissionais da área na busca de possibilidades de **intervenção da psicologia no trânsito.**

Avaliando a avaliação

Maria da Graça Jacques
Presidente da Comissão de Formação do CRP-07

Poucos assuntos têm despertado tanto interesse como o da avaliação psicológica, sendo, inclusive, objeto de reportagens da mídia voltada para o público em geral (como é caso da revista Isto É de 25/09/2002). Para os psicólogos, o tema se reverte de importância até porque, hoje em dia, a avaliação psicológica assegura reconhecimento e legitimação profissional. São inúmeras as demandas, representando um expressivo espaço de trabalho, com estatuto de "exclusividade". Se por um lado a avaliação psicológica confere positividade ao exercício profissional, por outro suscita uma série de questionamentos e inquietações que há muito frequentam os fóruns de discussões dos psicólogos.

Há uma certa unanimidade em identificar carências na formação, na instrumentalização (comercialização, validação e normatização dos testes psicológicos), na comunicação, na pesquisa, na divulgação científica, nas condições de trabalho dos psicólogos que se ocupam com a avaliação psicológica. Tais carências há muito vêm preocupando a categoria profissional e a comunidade em geral que demanda por este tipo de serviço. Frente a este quadro, o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia têm proposto algumas ações de informação, regulamentação e fiscalização da avaliação psicológica, inclusive com edição de resoluções sobre a matéria: a Resolução do CFP nº 25/2001, que define os testes psicológicos como método de avaliação privativo dos psicólogos e regulamenta sua elaboração, comercialização e uso (objeto da matéria da revista Isto É), e a Resolução nº 30/2001, que institui o Manual de Elaboração de Documentos produzidos pelo psicólogo decorrentes de avaliação psicológica. Ambos os textos estão disponíveis no site www.pol.org.br

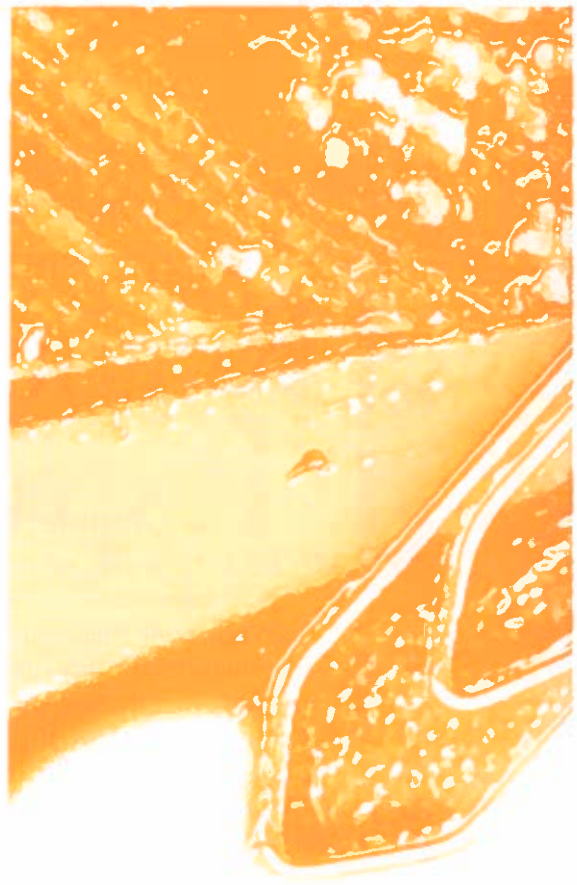
Se questões técnicas que envolvem estas atividades são reconhecidas entre a categoria como preocupantes e são constantemente objeto de denúncias jurídicas, a implementação de ações que possam superar as deficiências se apresentam como necessárias e urgentes, em benefício dos próprios psicólogos e da comunidade em geral que usufrui do serviço. Importante não esquecer, no entanto, que a avaliação psicológica não se restringe à dimensão técnica, mas envolve dimensões sociais, políticas e éticas e que a discussão deve ser ampliada e incluir a análise crítica dos seus pressupostos e de suas referências em determinadas concepções de homem, de sociedade e de ciência.

Este debate está aberto, é público, envolve diferentes segmentos sociais e exige uma forte mobilização e engajamento dos psicólogos no sentido de atender as especificidades mais urgentes, sem negligenciar a complexidade que o tema enseja.

Seção Serra organiza grupo de trabalho

No próximo ano, Caxias do Sul será sede de um seminário que vai discutir o trabalho do psicólogo e o atendimento às populações de baixa renda. Esta é a proposta de um grupo de trabalho que vem se reunindo na Seção Serra e do qual tem participado Patrícia Bisol, Sandra Tonin, Viviane Freitas, Viviane Duarte, Maria Elisa Carpena, Aline Mendes, Denise Casara, Magda Pedoni, Renata Sassi, Silvana Marcon, Eliana Bressan, Viviane Dall´agno e Neura Santos, todas psicólogas da região da Serra, além de representantes do CRP-07.

A primeira ação do grupo será um levantamento das atividades previstas em lei – em âmbito federal, estadual e municipal – que exigem a atuação do psicólogo no que se refere a políticas públicas. Também estão na pauta dos próximos encontros o mercado de trabalho para psicólogos na região de Caxias do Sul, a forte tendência de associar a profissão com o trabalho voluntário e a conseqüente importância de ser criada uma cultura da Psicologia nos municípios da serra gaúcha e um aprofundamento do tema das abordagens terapêuticas com pessoas em situação de maior vulnerabilidade social.



Ajude a aprimorar o EntreLinhas

A Comissão de Comunicação do CRP quer saber a sua opinião sobre o EntreLinhas. Acesse o site www.crp07.org.br e deixe lá suas sugestões. Podem ser dicas de colaboradores, indicações de temas que lhe interessam e que você gostaria de ver abordado nas páginas do jornal do CRP-07 ou sugestões de propostas profissionais para o Fora dos Consultórios. Participe, sua opinião é importante. O EntreLinhas é um veículo de comunicação da categoria dos psicólogos e foi criado para divulgar assuntos importantes para os profissionais da área e promover uma reflexão sobre temas que estão na ordem do dia.

Nova data para o concurso de especialistas

A data de realização do primeiro Concurso de Provas e Títulos para obtenção de título profissional de especialista em Psicologia foi alterada: será no dia 22 de fevereiro. As inscrições devem ser feitas até o dia 22 de dezembro no site www.cespe.unb.br, onde também estão disponíveis maiores informações. Esta provas serão específicas para as especialidades de Psicologia Escolar/Educacional, Psicologia Organizacional e de Trabalho, Psicologia Hospitalar e Psicologia Jurídica, sendo que os interessados devem ter pelo menos dois anos de dedicação à área escolhida. O concurso será realizado em dez cidades brasileiras, incluindo Porto Alegre.

CFP também participa do FSM

O Conselho Federal de Psicologia também organizou um debate para o III Fórum Social Mundial, assim como vários outros conselhos de Psicologia do Brasil. O tema proposto pelo CFP é **Realidades e Utopias: o lugar da subjetividade na transformação social**, que será desenvolvido em seminário durante a tarde do dia 25 de janeiro no Teatro da AMRIGS. A idéia é avaliar como as desigualdades e as diferenças interferem nos modos de subjetivação e como é importante que cada um assuma a responsabilidade da mudança. Foram convidados para participar desta atividade o sociólogo Michael Lövy, o psicanalista Mario Fucks, de São Paulo e o doutor em Sociologia, Boaventura de Souza Santos, de Portugal (este último a confirmar participação). Mais informações sobre atividades da Psicologia no Fórum Social Mundial estão disponíveis no site www.crp07.org.br

Grupo de pesquisa e estudo em Sexualidade Masculina
Inscrições abertas na Constructo
Informações (51) 3395.3354

Curso de formação em Psicoterapia Psicanalítica
Inscrições abertas para seleção no ESIPP
Informações (51) 3332.6436 ou 3388.7121

Oficinas de Produção Textual
Encontros semanais em vários horários
Inscrições abertas no Espaço de Criação Scrivere
Informações (51) 3331.5170 ou 3330.5152

Avaliação da Inteligência - WISC III
Curso nos dias 29 e 30 de novembro
Inscrições abertas no Instituto de Psicologia da UFRGS
Informações (51) 3316.5246 e 3316.5066 ou www.psicologia.ufrgs.br

O Desenvolvimento do Bebê no Laço Parental
XX Jornada no dia 30 de novembro, em Porto Alegre
Inscrições abertas no Centro Lydia Coriat
Informações (51) 3311.0091 ou lydiacoriat@lydiacoriat.com.br

Prêmio Domus de Monografia
Inscrições abertas até 6 de dezembro para estudantes e recém-formados em Psicologia, Medicina ou Serviço Social
Informações (51) 3346.3022 ou domusctf@terra.com.br

000289

agenda

As informações da agenda são atualizadas semanalmente no site
www.crp07.org.br

Conhecendo a Arte Terapia
Dia 13 de dezembro, em Porto Alegre
Inscrições abertas no Instituto da Família de Porto Alegre (INFAPA)
Informações (51) 3330-0353 ou infapa@cpovo.net

Psicologia Hospitalar – Curso de Verão
De 21 de janeiro a 01 de fevereiro de 2003 em Belo Horizonte (MG)
Público alvo: Psicólogos e estudantes de psicologia
Informações (31) 9141-9106 ou phosp@uol.com.br

Teoria, Técnica e Estratégias Especiais em Psicanálise
Início em fevereiro de 2003
Inscrições abertas na Universidade de São Paulo
Informações (11) 3091.4173 ou www.usp.br/ip

Ciclo de Estudos em Psicopatologia de Adultos e Infantil
Início em março de 2003
Inscrições abertas no GAEPSI
Informações (51) 3331.3781

Percurso de Escola
Início em marco de 2003
Inscrições abertas na APPOA
Informações (51) 3333.2140 ou appoa@appoa.com.br

Arte Terapia no Contexto Social e Institucional
Curso de Especialização com início em março de 2003
Inscrições abertas no Instituto da Família de Porto Alegre (INFAPA)
Informações (51) 3330-0353 ou infapa@cpovo.net

Formação em Psicoterapia psicanalítica da Criança ao Adulto Maduro
Curso com início em março de 2003
Inscrições abertas no GEA
Informações (51) 3330.6404 ou 3321.1573

Diagnóstico e Tratamento dos Transtornos do Desenvolvimento na Infância e Adolescência
Curso com início em março de 2003
Inscrições abertas no Centro Lydia Coriat
Informações (51) 3311.0091 ou lydiacoriat@lydiacoriat.com.br

Formação em Psicoterapia Psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos
Curso com início em março de 2003
Inscrições abertas no Instituto Bion
Informações (51) 3332.3943 ou 3335.3443 ou iwbion@terra.com.br



Mestrados em Linguagens e Comunicação, Distúrbios da Comunicação e Educação
Início em março de 2003
Inscrições abertas para seleção na Universidade Tuiuti do Paraná
Informações (41) 331.7643 ou mestrado@utp.br

Especialização de Psicoterapeutas de Adultos Maduros
Início em março de 2003
Inscrições abertas no CLAM
Informações (51) 3328.0622 ou 3022.8226

Estudos psicológicos e fenomenológicos do adulto maduro
Início em março de 2003
Inscrições abertas no CLAM
Informações (51) 3328.0622 ou 3022.8226

Formação em Psicanálise
Início em março 2003
Inscrições abertas no Núcleo de Estudos Sigmund Freud
Informações (51) 3334.6400 ou 3338.6361 ou www.sig.org.br

Teoria, Técnica e Estratégias Especiais em Psicanálise
Curso de pós-graduação da USP
Início em março de 2003
Informações (11) 3091.4173 ou 3091.4910 ou www.usp.br/ip

I Jornada Gaúcha de Psicooncologia
De 28 a 30 de março de 2003 na PUC, em Porto Alegre
Informações (51) 3320.3500

VI Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional (VI CONPE)
Tema: Educar, mudar e desenvolver: perspectivas da Psicologia Escolar/ Educacional.
De 11 a 14 de abril de 2003, em Salvador (BA)
Inscrições de trabalhos até 21 de fevereiro de 2003
Informações www.abrapee.psc.br ou www.frb.br

III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana
De 30 de abril a 3 de maio de 2003 em Salvador (BA)
Informações (11) 3865.5345 ou www.jung2003.com.br

IV Conferencia Internacional del Foro Mundial de Mediación
Tema: Construyendo una convivencia pacífica - Mediación y negociación en un mundo conflictivo
De 9 a 11 de maio de 2003 em Buenos Aires (Argentina)
Informações (+54 11) 4951-8139 ou www.bayfem.com.ar

II Congresso Interamericano de Psicologia da Saúde
Tema: Corpo e Insatisfação
De 10 a 21 de junho de 2003, em São Paulo (SP)
Informações (11) 3069.6459 ou 3069.6188

VIII Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais
De 19 a 21 de junho de 2003, em Curitiba (PR)
Inscrição de trabalhos até 20 de dezembro de 2002
Informações (41) 263-4895 ou www.centroreichiano.com.br

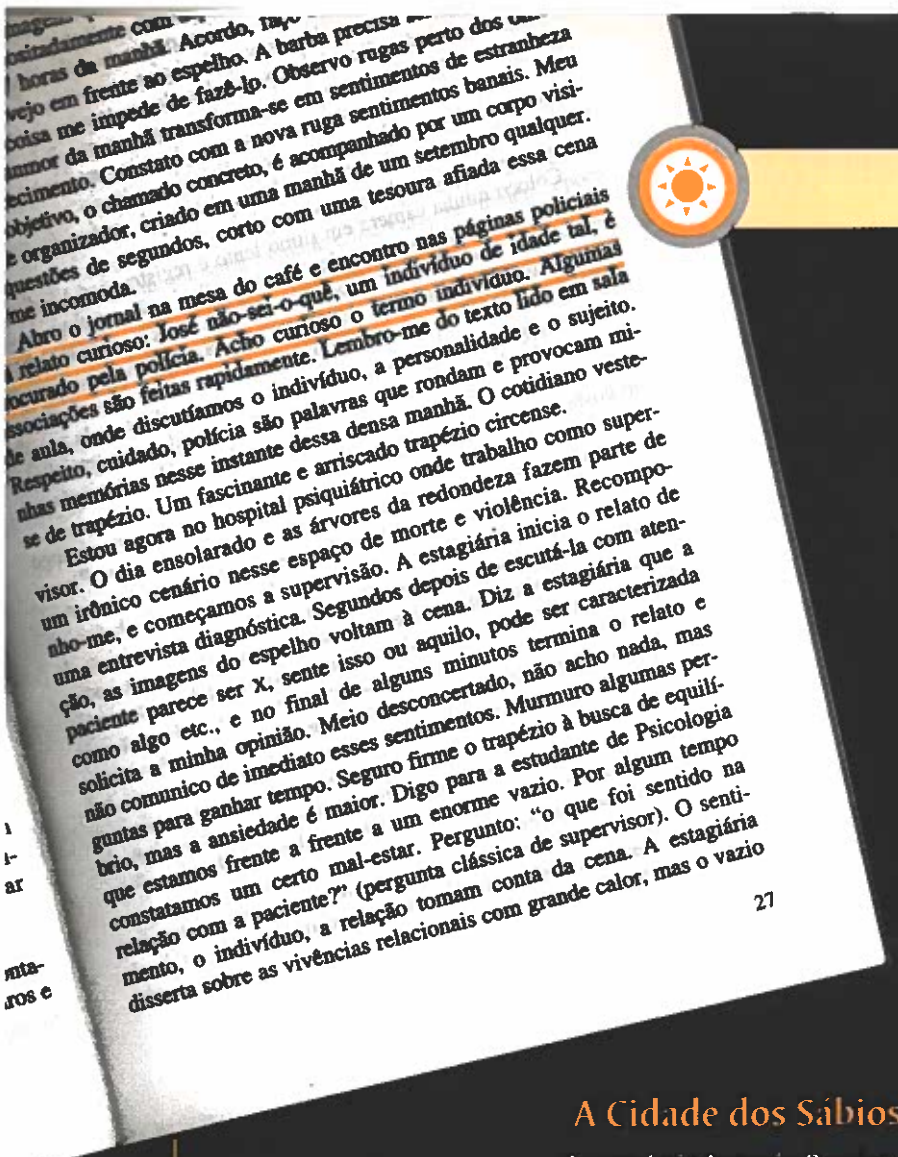
XIII Fórum Internacional de Psicanálise
De 25 a 29 de agosto de 2004 em Belo Horizonte (MG)
Informações (31) 3223.6115 ou www.cpmg.org.br

Curso de Formação de Terapeutas de Família
Inscrições abertas no Centro Domus
Informações (51) 3346.3022 ou domusctf@terra.com.br

Formação em Psicologia Organizacional
Curso com início em março de 2003.
Inscrições abertas no IDG
Informações (51) 3222.1725 ou 3232.6104



18º Encontro Internacional de Audiologia
De 11 a 13 de abril em Curitiba (PR)
Informações eia@utp.br ou audiologiabrasil@uol.com.br

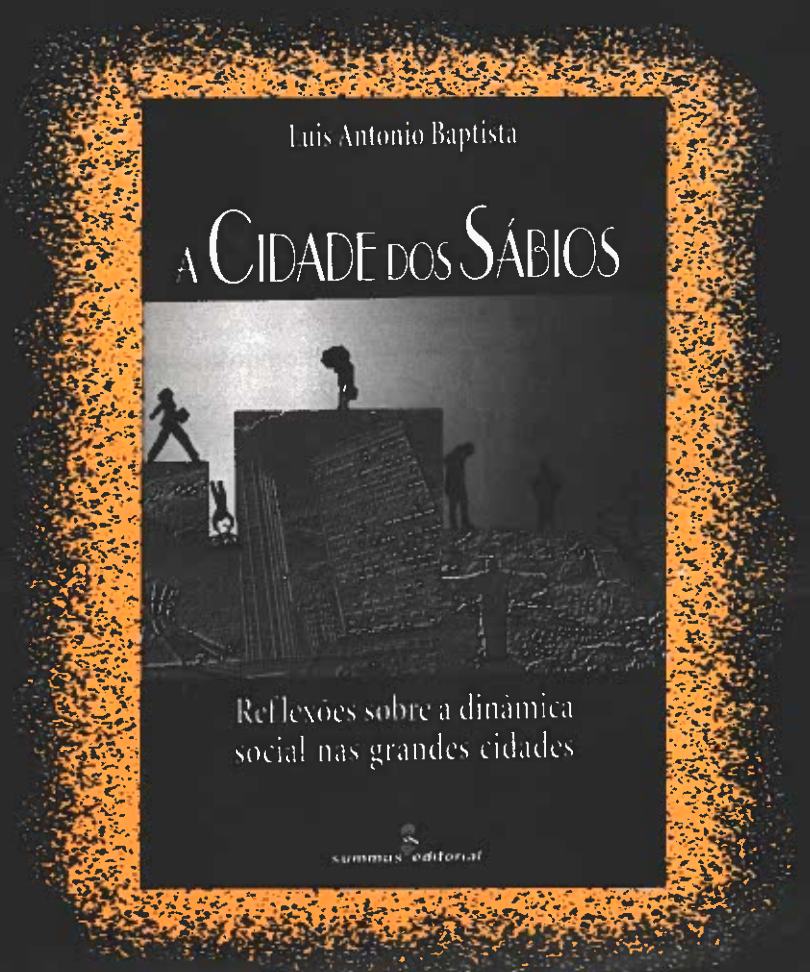


horas da manhã. Acordo, [illegible]
vejo em frente ao espelho. A barba precisa [illegible]
coisa me impede de fazê-lo. Observo rugas perto dos [illegible]
umor da manhã transforma-se em sentimentos de estranheza
ecimento. Constato com a nova ruga sentimentos banais. Meu
objetivo, o chamado concreto, é acompanhado por um corpo visi-
e organizador, criado em uma manhã de um setembro qualquer.
questões de segundos, corto com uma tesoura afiada essa cena
me incomoda.

Abro o jornal na mesa do café e encontro nas páginas policiais
relato curioso: José não-sei-o-quê, um indivíduo de idade tal, é
ocurado pela polícia. Acho curioso o termo indivíduo. Algumas
ssociações são feitas rapidamente. Lembro-me do texto lido em sala
de aula, onde discutíamos o indivíduo, a personalidade e o sujeito.
Respeito, cuidado, polícia são palavras que rondam e provocam mi-
nhas memórias nesse instante dessa densa manhã. O cotidiano veste-
se de trapézio. Um fascinante e arriscado trapézio circense.

Estou agora no hospital psiquiátrico onde trabalho como super-
visor. O dia ensolarado e as árvores da redondeza fazem parte de
um irônico cenário nesse espaço de morte e violência. Recompo-
nho-me, e começamos a supervisão. A estagiária inicia o relato de
uma entrevista diagnóstica. Segundos depois de escutá-la com aten-
ção, as imagens do espelho voltam à cena. Diz a estagiária que a
paciente parece ser X, sente isso ou aquilo, pode ser caracterizada
como algo etc., e no final de alguns minutos termina o relato e
solicita a minha opinião. Meio desconcertado, não acho nada, mas
não comunico de imediato esses sentimentos. Murmuro algumas per-
guntas para ganhar tempo. Seguro firme o trapézio à busca de equilí-
brio, mas a ansiedade é maior. Digo para a estudante de Psicologia
que estamos frente a frente a um enorme vazio. Por algum tempo
constatamos um certo mal-estar. Pergunto: "o que foi sentido na
relação com a paciente?" (pergunta clássica de supervisor). O senti-
mento, o indivíduo, a relação tomam conta da cena. A estagiária
disserta sobre as vivências relacionais com grande calor, mas o vazio

27



A Cidade dos Sábios

Autor: Luis Antonio Baptista

Summus Editorial

São Paulo, 1999

Fatos dramáticos *reflexões tensas*

Leandro Konder
Filósofo e professor da PUC/RJ

Os fatos não falam. Nunca é demais lembrar que "fato" é uma palavra que vem do latim "factum", termo que significa feito. Portanto, se existem fatos (objetivos) é porque existem sujeitos que os fizeram. Quer dizer: o que os fatos dizem é o que alguns sujeitos humanos estão dizendo por intermédio deles. E uma das piores mistificações ideológicas é a do sujeito que se esconde por trás dos fatos, sem assumir seu próprio discurso.

Luis Antonio Baptista jamais poderá ser acusado de recorrer a esse artifício solerte. Com grande desenvoltura e notável coragem polêmica, o autor de Cidade dos Sábios assume seus princípios éticos humanistas e suas convicções políticas democráticas radicais; e quando recorre a fatos (o que acontece com freqüência), carrega-os de significação, tornando-os elementos de uma vigorosa denúncia da dinâmica do capitalismo nas grandes cidades contemporâneas.

O livro de Luis Antônio Baptista, professor titular de Psicologia Social da Universidade Federal Fluminense, reúne seis textos, unidos por uma preocupação constante com as dores e as frustrações da população pobre das metrópoles. Seu ângulo é o de uma resoluta solidariedade com aqueles que Gramsci chamava "os de baixo".

Em vez de expor uma doutrina, o autor, habilmente, evoca fatos reconhecidamente dramáticos, situações cotidianas típicas de graves injustiças e procura, então, a partir desses elementos, desenvolver suas – inevitavelmente tensas – reflexões teóricas.

Forma-se uma galeria impressionante, na qual aparecem um homem negro sem dinheiro, desesperado, ameaçando suicidar-se num estúdio de televisão; um marido abandonado posto sob a suspeita de ser lobisomem; pessoas vivendo cercadas em condomínios fechados, levando uma existência que as homogeneíza e faz delas "moradoras telespectadoras", com seus corações e seus sonhos habitados pela mais vulgar. Aparecem, também, um vereador alagoano que foi degolado porque se declarou homossexual; meninos de rua, pacientes de manicômios, e até Macabéa, personagem de A Hora da Estrela, de Clarice Lispector.

Talvez a figura mais fascinante desta inesquecível galeria seja, entretanto, a negra banta Aluane, escrava, que no início do século XIX, viu o rei Dom João VI chegar aqui, vindo com sua imensa comitiva, em desabalada fuga das tropas de Napoleão. Diante da Corte, a exuberante escrava sofria e às vezes ria, imaginando o que seria daquela gente se não existissem os escravos negros para fazerem os serviços de limpeza que lhes eram impostos. Luis Antonio Baptista escreve: "Ria sem parar, imaginando a cidade inundada em merda".

Através da narração das mudanças que vão ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro, vistas por Aluane, Luis Antonio Baptista nos proporciona um texto magnífico, que reúne sensibilidade psicológica, agudeza historiográfica e uma considerável densidade antropológica.